

## LEITURA DE TEXTOS MULTIMODAIS: SIMULTANEIDADE E INTEGRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Ana Lúcia TINOCO CABRAL<sup>24</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta reflexões sobre o texto no contexto digital, buscando identificar os desafios que esse tipo de textos apresenta aos leitores, especificamente, para dar conta, de forma integrada, das diversas linguagens e dos diferentes recursos que caracterizam os textos da Web, marcados pela multimodalidade. Abordando os elementos que interferem na leitura dos textos digitais multimodais, o trabalho propõe os princípios de textualidade, ou as características prototípicas do texto, juntamente com a simultaneidade de diferentes modos expressão e a integração entre eles, como conceitos pertinentes à análise e ao tratamento de textos multimodais do ponto de vista da leitura.

**Palavras-chave:** Texto. Leitura. Multimodalidade. Princípios de textualidade. Plano de texto. Simultaneidade. Integração.

**Resumée:** *L'article présente une réflexion sur le texte dans le contexte numérique dans le but d'identifier les défis que ce type de textes présente aux lecteurs, en particulier, pour rendre compte de manière intégrée, de diverses langages et de différents éléments qui caractérisent les textes de la Web, marqués par la multimodalité. Abordant les éléments qui interfèrent dans la lecture des textes multimodaux numériques, le travail propose les principes de textualité, ou les caractéristiques prototypiques du texte, auxquels s'ajoutent la simultanité de différents modes d'expression et leur intégration, comme des concepts pertinents pour l'analyse et le traitement des textes multimodaux du point de vue de la lecture.*

**Mots-clés:** *Texte. Lecture. Multimodalité. Principes de textualité. Plan de texte. Simultanité. Intégration*

---

<sup>24</sup> Professora Titular da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL, São Paulo, Mestrado em Linguística, [altinococabral@gmail.com](mailto:altinococabral@gmail.com)

## Considerações Iniciais

Os avanços tecnológicos do fim do século passado e início do atual, e a consequente disseminação do uso da Internet, instituíram novas formas de atuar no mundo, novas formas de interagir, marcadas especialmente pela multiplicidade de recursos e modalidades de linguagem.

Novas formas de atuar no mundo despertam o surgimento de diferentes manifestações textuais também, pois, como lembra Sandig (2009, p.47), as diversas categorias de textos *ao serem realizadas nas comunicações concretas, têm que ser adaptadas às diferentes condições prévias e às finalidades individuais que caracterizam uma dada situação*. O postulado da autora nos conduz a refletir sobre o que caracteriza as situações peculiares às interações via Web e quais seriam as formas adaptadas a elas? Ou seja, fundamentalmente, o que caracteriza os textos com os quais os usuários se deparam na Web e quais os desafios que eles apresentam aos leitores? Como dar conta, de forma integrada, das diferentes linguagens e dos diferentes recursos que caracterizam os textos da Web? Essas perguntas nos conduzem, sem dúvida, à questão do estatuto do texto nesse contexto e à problemática da multimodalidade constitutiva dos textos que circulam no mundo digital. Além disso, elas colocam a leitura e a escrita no centro da problemática. Assim, na tentativa de responder às questões aqui postas, o presente trabalho apresenta três partes, além das considerações iniciais e das finais: na primeira, tentaremos pensar os elementos característicos do texto nesse contexto virtual, marcado pela multimodalidade; na segunda, abordaremos algumas questões relativas ao processo de compreensão em leitura, focalizando os desafios aos quais o leitor do texto digital veiculado na Web é exposto, durante o processo de navegação, para a construção dos sentidos; na terceira, procuraremos aplicar nossas reflexões na análise de um sítio. Delimitamos o corpus, para este estudo, a um texto que contém elementos linguísticos, imagens e marcas tipográficas, especificamente a página de abertura do sítio da Sala São Paulo, complexo cultural pertencente à Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, situado no antigo edifício da Estrada de Ferro Sorocabana.

## O texto no contexto da multimodalidade: elementos característicos

Beaugrande (1997), ao propor os sete princípios de textualidade defende que a textualidade deve ser conceituada de forma ampla de tal forma que possa dar conta de todos os tipos de textos, citando como exemplos um rótulo de frasco de alimento e uma lista telefônica. Observa, entretanto, que os princípios não devem ser vistos como parâmetros para delimitar o que é ou não um texto, nem como normas para a boa formação de um texto, mas como elementos que contribuem para produção de sentidos e para a textualização.

Sandig (2009) não utiliza a nomenclatura princípios, preferindo a designação características textuais e, ao abordar a problemática de definir o que seriam características prototípicas a um texto, recorre à teoria dos protótipos para lembrar que os limites das categorias nem sempre são claramente definidos e que as características de um protótipo encontram-se em uma gradação, ou seja, podem se fazer presentes de forma mais ou menos plena nos membros de uma categoria. Além disso, as características que determinam um protótipo não assumem todas a mesma importância, algumas são mais importantes e centrais que outras.

A autora pondera que *os textos, sendo geralmente unidades complexas, são usados em situações (situacionalidade) para resolver problemas na sociedade (intencionalidade/função textual) que se referem a determinados fatos (tema, coerência)* (SANDIG, 2009, p.57). Cabe à coesão promover a integração.

De acordo com essa estudiosa do texto, a característica mais importante é a função textual, que, segundo ela, pode ser interpretada por meio do material textual. Vale lembrar que o material textual pode ser composto de várias modalidades de linguagem, como língua escrita, imagem, marcas tipográficas, entre outras, ligadas à função do texto.

Também Van Dijk (1983) confere importância à função textual; para ele, faz parte dos objetivos da Ciência de Texto o estudo das relações entre a estrutura do texto e seus efeitos sobre o conhecimento, a opinião, as atitudes e atuações de indivíduos, o que tem a ver também com a função do texto, como elemento fundamental articulador entre texto e indivíduos. A estrutura do texto no contexto da comunicação, segundo esse autor, é influenciada entre outros, pelas intenções do indivíduo e pelas funções do texto em sua incidência sobre atitudes e comportamentos de outros indivíduos.

Os objetivos propostos por Van Dijk para a Ciência de Texto e as ponderações de Sandig para definir o que seria prototípico de um texto nos permitem estender essas reflexões para a questão da multimodalidade constitutiva do material textual, em três direções: em primeiro lugar, para situarmos o que compreendemos como sendo prototipicamente multimodal relativamente a um texto; em segundo lugar, para estabelecermos o estatuto da multimodalidade na noção de texto atualmente; em terceiro lugar, para buscarmos aparato teórico que nos permita analisar textos multimodais de forma coerente com os conceitos relativos a eles e seu papel no conjunto da textualidade, considerando a problemática da leitura de textos digitais.

Assim como o texto tem uma função que permeia toda a sua estrutura e integra suas diferentes partes e os elementos que o compõem em sua diversidade, cada um desses elementos cumpre um função no todo complexo do texto. Cabe perguntar como as diferentes materialidades, linguísticas, imagéticas, gráficas concorrem para o cumprimento das funções do texto e como elas se integram para formar um todo coerente, isto é, como elas contribuem para a construção dos sentidos do texto. Desse ponto de vista, defendemos que função e integração constituem aparatos teóricos úteis para a análise dos textos multimodais especialmente aqueles constituídos de materialidade linguística, imagética e gráfica em conjunto.

A busca por uma definição do que se pode considerar multimodal em um texto nos conduz aos trabalhos de Kress e Van Leeuwen (2001). Esses autores buscam estabelecer princípios multimodais, assim como Beaugrande (1997) propôs princípios de textualidade. Na mesma linha de raciocínio de Sandig (2009), que investiga características prototípicas do texto, Kress e Van Leeuwen (2001, p.2) buscam princípios comuns que subjazem à comunicação multimodal e defendem que “princípios semióticos comuns operam em e através de diferentes modos”<sup>25</sup>. Desse ponto de vista, conforme esclarecem os autores, é possível à música codificar ação, ou às imagens codificarem emoções. Esses dois estudiosos tratam de discurso e de comunicação e sua preocupação situa-se nesse âmbito, focalizando a construção de sentidos; o texto, para eles, é apenas um dos modos de manifestação do discurso, ou da comunicação, que constituem, certamente, conceitos mais amplos. Suas propostas são, entretanto, úteis para pensar os textos multimodais especificamente.

---

<sup>25</sup> *common semiotic principles operate in and across different modes*

Kress e Van Leeuwen (2001) propõem que a comunicação multimodal abarca quatro domínios de práticas nas quais os sentidos se constroem predominantemente. Chamam esses domínios de estratos; são eles: discurso, *design*, produção, distribuição.

Discurso diz respeito a conhecimentos construídos socialmente, isto é, desenvolvidos em contextos sociais específicos e de maneiras que são apropriadas para os interesses dos atores sociais nesses contextos. Conforme Kress e Van Leeuwen (2001), qualquer discurso pode ser realizado de diferentes formas, como um artigo de jornal, um documentário televisivo. Segundo esses autores, o discurso é relativamente independente do gênero, modo ou *design*; o que eles querem dizer é que um mesmo discurso pode se realizar de diferentes formas, inclusive não linguísticas, uma vez que o discurso pode ser independente de linguagem. Ele precisa, no entanto, de um modo que seja adequado aos meios previamente desenvolvidos para realizá-lo. Podemos compreender que o discurso tem a ver com os sentidos que determinado evento ou artefato constrói.

*Design* sustenta a passagem entre o conteúdo e a expressão e, segundo Kress e Van Leeuwen (2001, p.5), é o lado conceitual da expressão e o lado expressivo da concepção. Constitui sentidos para realizar discursos no contexto de determinada situação comunicativa. Segundo os autores, o *design* realiza também algo novo, que transforma o conhecimento construído em (inter-) ação social. O *design* diz respeito à escolha dos recursos para construir os sentidos pretendidos.

Produção diz respeito à organização da expressão, isto é, a articulação do material do evento semiótico ou do artefato; tem a ver com a materialização do discurso por meio de determinados recursos especificados pelo *design*. *Design* e produção podem, no entanto, algumas vezes, acontecer separadamente.

*Distribuição* tem a ver com a disseminação do evento, ou do artefato. Embora de maneira geral distribuição não seja encarada como portadora de sentido por si só, responsável apenas pela preservação de distribuição, não há dúvida de que o meio de distribuição exerce influência sobre sentido que toma o evento. Vale lembrar o exemplo ilustrativo dos autores, em que comparam um romance e o filme adaptado do romance.

Kress e Van Leeuwen (2001) destacam, nos quatro estratos, a questão das intenções dos produtores ou dos objetivos da comunicação. Apesar de eles não estabelecerem claramente uma analogia com os princípios postulados por Beaugrande (1997), ou com as características propostas por Sandig (2009), podemos afirmar, a partir das suas considerações,

que a noção de intencionalidade perpassa todos esses estratos, assim como a de coerência. Nesse contexto, a função assume também um papel importante, constituindo uma característica fundamental para a compreensão da comunicação multimodal e do texto multimodal. Fica claro ainda, na propostas de Kress e Van Leeuwen (2001), que eles consideram a integração dos estratos como um fator importante para a multimodalidade, embora ela não seja essencial.

Esses estudiosos lembram que, atualmente, os avanços tecnológicos colocam os diferentes modos no mesmo nível de representação, numa relação de igualdade do ponto de vista hierárquico. Isso quer dizer que, também do ponto de vista de um texto, mesmo que ele seja predominantemente escrito, quando ele apresenta outras formas de representação, a linguagem verbal tem a mesma importância que as imagens, os recursos tipográficos e até mesmo os espaços vazios, ou a música que se disponibiliza para ser tocada juntamente com a sua leitura. A compreensão do material que o leitor tem à sua frente depende de todos os elementos que o compõem.

Essa é uma perspectiva que, para os estudos textuais, impõe que se encare o texto como um todo, no qual multiplicidade de modalidades de expressão deve ser percebida como integrada ao texto e não como um acessório a ele, uma informação suplementar, como muitas vezes tendemos a considerar. A multimodalidade constitui, portanto, um elemento constitutivo do texto; não temos um texto na modalidade escrita e elementos de outra modalidade juntos; o que temos é um texto que, em seu todo pode apresentar componentes constituídos de elementos da modalidade escrita, da modalidade gráfica, da modalidade imagética, da modalidade digital, e assim por diante, todas elas concorrendo igualmente para a construção dos sentidos do texto.

Retomando com Sandig (2009) a questão da prototipicidade apresentada no início deste texto, parece-nos que, como todo texto, o texto multimodal insere-se em determinada situação (situacionalidade), refere-se a determinados fatos (tema e coerência) e conta com a coesão para promover a integração. Além disso, o texto tem como característica fundamental a função textual (intencionalidade). Mas essas são características de todo texto; as características prototípicas dos textos multimodais, para além das funções prototípicas a todo texto, são, acreditamos, a simultaneidade de diferentes modos de expressão e a integração entre eles, ou seja, a existência de várias modalidades ao mesmo tempo e em interação para a construção dos sentidos.

Considerando as reflexões apresentadas até o momento e retomando nossas questões iniciais, cremos poder afirmar que os princípios de textualidade, ou as características prototípicas do texto constituem, juntamente com a simultaneidade de diferentes modos expressão e a integração entre eles, além dos estratos propostos por Kress e Van Leeuwen (2001), conceitos que podem nos permitir dar conta da análise de textos multimodais e buscar pistas para a leitura desse tipo de textos.

### **Leitura e construção de sentidos: as implicações da multimodalidade**

Fayol e Gaonc'h (2003), ao tratarem da compreensão em geral, observam que esta constitui uma atividade que mobilizamos a cada instante em todos os domínios da nossa vida. Ela consiste em integrar as informações provenientes de diferentes fontes, externas e internas, para construir representações do mundo, permitindo que interpretemos o que acontece e modifiquemos nossas ações, nossas crenças e nossas formas de fazer visando a nos garantir uma melhor adaptação ao mundo que nos cerca. Desse ponto de vista, a compreensão tem uma dimensão transversal que, segundo esses autores, é relativamente autônoma das diferentes mídias, aplicando-se tanto à interpretação dos discursos do cotidiano, dos fatos vividos, dos discursos veiculados na televisão, de cenas reais ou representadas por imagens, ou da leitura de um texto escrito. Isso quer dizer que a compreensão do texto escrito constitui apenas um caso particular de processo de compreensão, que acontece na interação entre os conhecimentos do indivíduo e as novas informações com as quais sua vivência no mundo o coloca em constante contato.

A compreensão em leitura, no mesmo sentido, atualmente é entendida como uma construção de sentidos; com efeito, conforme lembram Koch e Elias (2006), os sentidos não estão essencialmente no texto, o leitor constrói os sentidos num processo que inclui a interação entre seus conhecimentos e as informações presentes no texto. Concordamos com Koch (1997) de que a leitura é uma atividade complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual, mas acreditamos que, em relação à superfície textual, não sejam apenas os elementos linguísticos que estejam na base da construção de sentidos; ela integra também os demais elementos ali presentes, imagens, marcas tipográficas, espaços, tudo assume sentido no texto e exerce influência na compreensão.

A compreensão constitui então um processo dinâmico que requer uma série de operações simultâneas: recuperar analisar, selecionar e organizar as informações pertinentes. Trata-se de uma atividade que supõe que se leve em conta o contexto enunciativo, o objetivo do produtor, e o do leitor. Assim, o texto, no processo de compreensão, deve ser encarado na perspectiva de uma interação permanente entre as suas características, as do contexto e as do leitor.

Na mesma direção, Coirier, Gaonac'h e Passerault (1996) postulam que o tratamento cognitivo do texto repousa sobre a articulação estreita e a interação entre os processos correspondentes aos quatro tipos de determinações. Em primeiro lugar, os instrumentos linguísticos que intervêm na construção e na recuperação da estruturação textual: explicitação dessa estrutura por conectores, marcas de pontuação, delimitação das partes do texto por parágrafos. Em segundo lugar, determinações fundamentadas no tratamento do domínio de referência, por meio, por exemplo, de representações mentais, de esquemas cognitivos descrevendo as propriedades do mundo físico, social e subjetivo; ou ainda exploração possível de esquemas cognitivos gerais para analisar as organizações causal, lógica, temporal. Em terceiro lugar, determinações ligadas ao contexto enunciativo e mais extensivamente ao contexto da tarefa de compreensão ou produção, como os objetivos de leitura, ou a finalidade comunicativa. Em quarto e último lugar, determinações que dizem respeito às estruturas cognitivas postas em jogo: além da proficiência linguística e textual do leitor, seu nível de aquisição dos mecanismos da escrita e de leitura, ou sua familiaridade com modelos textuais preestabelecidos.

As determinações ao tratamento textual na leitura postuladas por Coirier, Gaonac'h e Passerault estão diretamente ligadas às questões constitutivas do texto que mencionamos no item anterior, e se estendem também, com algumas complementações, ao texto que se compõe de várias modalidades de linguagem e é veiculado na Web. Assim, podemos afirmar que, o tratamento cognitivo do texto digital multimodal também repousa sobre quatro tipos de determinações: a estrutura textual, o domínio de referência, o contexto da tarefa de leitura, os conhecimentos do leitor.

Com respeito aos elementos que intervêm na recuperação da estrutura textual, para além dos conectores, marcas de pontuação ou estrutura dos parágrafos, destacamos marcas tipográficas, como os links, que explicitam a abertura a hipertextos, botões de navegação que indicam os desdobramentos internos do sítio, entre outros.

Relativamente ao domínio da referência, segundo elemento destacado por Coirier, Gaonac'h e Passerault, vale observar a presença, por exemplo, de figuras, fotos, que conduzem o leitor à construção de determinadas representações coerentes desses elementos, delimitando mais o domínio de referência e contribuindo para a representação mental que está linguisticamente representado no texto, ou, contrariamente, perturbando a construção dos sentidos, quando há falta de relação entre o está dito em palavras e o que está mostrado pelas imagens que integram o o conjunto textual, prejudicando a construção da coerência textual.

No que diz respeito ao contexto da tarefa, evidentemente, o objetivo da visita a um sítio, por exemplo, determina a prioridade dada a determinada informação, como em qualquer atividade de leitura. Há que se considerar, no entanto, o risco à fuga dos objetivos que representa a presença de hipertextos. Conforme a chamada que introduz um link para hipertexto, esse risco pode ser ainda maior, e pode levar o leitor a desviar-se de seus objetivos de leitura e a perder-se na navegação. Esse é, inclusive, mais um dos desafios para a construção da coerência nos hipertextos, conforme observa Storrer (2009); e, desse ponto de vista, vale destacar as imagens e figuras como elementos mais fortes do ponto de vista dos elementos que atraem a atenção do usuário.

Na mesma direção, Marty (2005) ensina que o leitor de sítios Web orienta sua leitura e a construção dos sentidos a partir das ferramentas, do suporte de que ele dispõe e dos conteúdos que lhe são propostos pelo sítio. O caráter dinâmico da leitura exige que a construção da representação se faça de maneira contínua, com atualização ininterrupta, à medida que as informações novas aparecem. Nos ambientes tecnológicos, esse dinamismo aumenta muito e pode constituir um risco para a compreensão, uma vez que a leitura se dá num contexto de navegação hipertextual, marcado por maior dinamismo.

Marty (2005) avalia que a leitura de hipertextos é mais complexa porque ela exige que o leitor saiba navegar de link em link, mantendo na memória a arquitetura do hipertexto e o texto do qual partiu, sem perder de vista seus objetivos; exige-se muito do leitor, pois são várias as tarefas envolvidas no processo navegação propriamente dito, além das escolhas que ele é obrigado a fazer em seu percurso de leitura. De fato, a navegação de link em link tende a tornar o processo de construção de sentidos mais fragmentado, com risco de que o leitor se perca em seus objetivos durante a leitura, ameaçando a construção da coerência, como lembra Storrer (2009).

Com efeito, conforme lembra Chartier (1998, p.101), a tela e, mais especificamente, o hipertexto estabelecem uma nova forma de ler, na qual há “livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis”. Essas questões nos remetem à quarta determinação postulada por Coirier, Gaonac’h e Passerault, os conhecimentos do leitor, neste caso, também o nível de letramento digital do usuário. No contexto da Internet, o leitor se vê diante do desafio de operar conexões muito mais complexas, que, segundo Marty (2005), exigem muito dele, tanto que tenha habilidade manual para operar o cursor, quanto que ele seja capaz de identificar ícones, ler imagens, animações, identifique a mãozinha indicativa de percurso, mensagens de erro, tudo isso mantendo na memória as atividades recentes e estabelecendo conexões entre as diversas informações que se apresentam a ele simultaneamente. Nesse contexto, é útil observar as características da leitura de sucesso, postuladas Kerbrat-Orecchioni (1986), para quem uma leitura é melhor na proporção em que ela leva em conta um número maior de significantes; para a autora, a reconstituição à qual ela conduz é mais coerente.

Na mesma linha de pensamento, Fayol e Gaonac’h (2003) defendem que a leitura convoca simultaneamente muitas atividades, em função de um ou vários objetivos e lembram que a leitura, assim como a compreensão em geral, não pode satisfazer-se com a construção de representações fragmentárias justapostas; ela exige uma organização que lhe confira unidade e coerência. Voltando-nos para os textos que circulam da Web, essa organização implica levar em conta como fatores determinantes, a ocorrência simultânea de outras linguagens e a articulação entre elas, estabelecendo conexões de sentido; a esse respeito, vale lembrar mais uma vez Kress e Van Leeuwen (2001), para quem os textos multimodais fazem sentido por meio de múltiplas articulações. É no mesmo sentido que (Marquesi et al., 2010), ressaltam que o hipertexto oferece ao leitor a possibilidade de inúmeros percursos de leitura, porque funciona por associações de nós e links, compondo uma rede infinita.

Complementando o pensamento das autoras mencionadas, concordamos com Marty (2005) de que, quando se trata de texto digital, cuja estrutura é hipertextual, para além dos textos previstos pelo autor e que se mostram visualmente ao alcance do leitor, a conexão coerente dos textos também é importante para a construção dos sentidos. E, internamente a cada hipertexto, também a conexão entre componentes de diferentes linguagens presentes na tela precisa se dar de forma coerente.

Nesse contexto, as reflexões de Le Ny (2005) indicam um caminho. Ao tratar de compreensão, Le Ny (2005) observa que, antes de compreender um texto, o leitor precisa

percebê-lo. Segundo esse estudioso, a percepção fornece os elementos necessários às fases posteriores de tratamento, à ativação da memória. Desse ponto de vista, a compreensão é entendida numa perspectiva em que percepção e atividade de construção de sentido estão em interação permanente. Essa percepção, no que concerne especificamente o texto, diz respeito não apenas às palavras, mas também à ordem em que elas se apresentam, à forma como os parágrafos se organizam, à estrutura global do texto enfim; no texto que apresenta outras modalidades de linguagem e outros recursos para a veiculação das informações, esses elementos também se incluem nessa atividade de observação e percepção.

Esses processos de natureza diversa, como lembra Le Ny (2005), somente são possíveis porque há uma constante interação entre eles. De forma análoga, a interação entre os diversos elementos que compõem um texto é que torna possível a percepção de sua totalidade. O leitor maduro registra completamente o campo visual, para, em seguida, deslocar sua atenção a elementos específicos ligados a seus interesses.

Em primeiro lugar, o leitor percebe a estrutura do texto, reconhecendo as categorias prototípicas do material que tem em mãos. Como postulam Denhière e Baudet (1992), o texto constitui uma materialização para cujo tratamento o indivíduo põe em uso as estruturas cognitivas que seriam uma projeção, um equivalente psicológico, das estruturas textuais. Para lidar com um texto, o indivíduo apela para representações típicas das estruturas do texto, além, é claro de seus conhecimentos a respeito do tema que o texto representa e da situação de comunicação. Assim é que o leitor de um sítio na Internet vai observar os elementos que preenchem a forma canônica de sítios como as barras de ferramentas ou os links.

As considerações de Le Ny e Denhière e Baudet de que a estrutura textual tem sua importância como elemento determinante do processo de compreensão nos remetem à importância do conceito de plano de texto para orientar a leitura. Esse conceito, acreditamos, é especialmente pertinente para o contexto da Web. Desse ponto de vista, a estrutura como, por exemplo, um mapa de sítio, permite ao usuário que se oriente para as escolhas de navegação de acordo com seus objetivos.

### **Observando a página de um sítio: a construção dos sentidos do texto multimodal**

Nossas reflexões em torno dos textos digitais, seu caráter multimodal e as implicações na sua leitura nos conduzem a estabelecer, como fenômenos para observar o *corpus*, o plano do texto, como elemento pertinente à estrutura textual a que fazem referência Le Ny e Denhière e Baudet e à percepção do conjunto do texto, conforme ensina Le Ny; o tema (e, mais especificamente, o domínio de referência), ligado também a discurso, conforme postulado por Kress e Van Leeuwen; os possíveis objetivos de leitura, ligado à intencionalidade do leitor e à função do texto, destacadas por Sandig, por Van Dijk e por Beaugrande, focalizando, em relação à função textual, o contexto do sítio e seus possíveis objetivos; o *design* e o meio de circulação conforme destacam Kress e Van Leeuwen, considerando a simultaneidade de linguagens e recursos e a integração entre eles na construção de um discurso coerente. A título de exemplificação, selecionamos, como *corpus*, a página inicial do sítio da casa de eventos pertencente à OSESP, a Sala São Paulo.

Considerando os postulados de Le Ny (2005), de que o leitor precisa perceber o texto antes de o compreender, podemos afirmar que o usuário, ao acessar o sítio da Sala São Paulo, visualiza o todo que comporta a tela do computador, correspondendo à metade da página do sítio: são três blocos verticais, uma moldura com um “papel de parede” estampado com logos da OSESP (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo) e duas barras de ferramentas horizontais, uma interna ao próprio sítio e outra, na extremidade superior da tela apresentando links externos que explicitam a pertença institucional da Sala à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Considerando que o movimento ocular de leitura ocidental se estabelece da esquerda para a direita, observamos inicialmente o bloco da esquerda. Ele apresenta o logo da orquestra sinfônica do Estado de São Paulo, cessionária da Sala, abaixo deste, encontram-se links internos ao sítio, destacados na cor laranja, e, mais abaixo, um calendário intitulado “Temporada 2013”, o que permite inferir que se trata da programação de concertos da Sala para o ano de 2013. Encontram-se aí links para todos os meses do ano, indicando que o usuário deve clicar no nome do mês para ter acesso à programação do mês correspondente.

O Bloco central é de conteúdo essencialmente verbal, com um texto cujo título, *Sala São Paulo*, está destacado, na cor laranja, em caixa alta, com fonte de tamanho superior, semelhante ao tamanho da fonte utilizada para destacar, no bloco da esquerda, *Secretaria da*

*Cultura*. O título permite antecipar que a mensagem verbal tem como tema a Sala, mas não indica o recorte temático. Além do elemento verbal, na forma textual, o bloco central apresenta um espaço vazio abaixo do texto.

O bloco da direita contém fotos da Sala. É possível, sem rolagem, ver uma foto interna do edifício, mostrando a sala de concertos; outras quatro fotos mostram diversos ângulos da fachada do edifício, mas exigem rolagem. O elemento verbal, embora se encontre no centro da página, não está destacado do conjunto; ao contrário, a sobriedade das letras, com fonte diminuta, encontra-se em harmonia com o conjunto dos demais elementos da página, que integra diferentes formas de expressão sem evidenciar preferência por nenhuma delas. Sendo assim, podemos afirmar que todas as formas de expressão estão no mesmo nível hierárquico relativamente à composição da página e, por conseguinte, à construção dos sentidos.

**Figura 1**



(fonte: <<http://www.osesp.art.br/portal/paginadynamica.aspx?pagina=asalasaopaulo>>. Acesso em: 20 ago. 2013)

Essa visão geral é percebida pelo usuário como um todo, de forma simultânea; só depois de percebê-la, sua atenção se volta para detalhes. Ressaltamos, no entanto, que os detalhes estão disponíveis ao usuário todos eles simultaneamente; aqueles para os quais ele dedicará sua atenção dependem de seus objetivos de leitura e da coerência entre eles e a função do texto, pois, caso a função do texto não possibilite ao usuário cumprir seus objetivos com a visita, ele naturalmente abandonará o sítio, conforme ensina Nielsen (2000).

O usuário pode visitar o sítio apenas para conhecer a Sala São Paulo e, desse ponto de vista, o sítio é coerente com tal objetivo, pois apresenta fotos variadas do local, informa as atividades ali desenvolvidas e oferece um texto verbal contendo o histórico da Sala. Ele pode também, já sendo conhecedor do local, procurar informar-se sobre eventos ali oferecidos, datas, formas de aquisição de ingressos, outros serviços. Também desse ponto de vista, a função do conteúdo do sítio se mostra coerente, pois de forma mais centrada, os links cumprem a função de conduzir o usuário às informações todas e aos setores específicos para aquisição de ingressos ou contratação de serviços, como aluguel de espaço para eventos, ou visita monitorada à Sala. Com efeito, o usuário que já conhece a Sala focalizará sua atenção nos links, pois as fotos do local ou o texto histórico provavelmente não devem constituir para ele informações novas.

Com base nos elementos apontados, podemos afirmar que o sítio cumpre basicamente duas funções: apresentar a Sala São Paulo aos usuários que não a conhecem e, àqueles que a conhecem, informar sobre os serviços que ela oferece aos cidadãos, possibilitando o acesso a tais serviços. Contribuem para essas duas funções, simultaneamente e de forma integrada, os diversos conteúdos, isto é, os elementos gráficos, como as cores dos links e as barras de navegação, a variação no tamanho da fonte das letras e na cores utilizadas, ou o calendário, que oferece a consulta ao programa; os elementos fotográficos, isto é, as fotos que apresentam visões variadas do local; os elementos verbais, seja pelo conteúdo textualizado que apresenta detalhes da história da Sala, seja pelos títulos, seja pelas designações dos links, que indicam o conteúdo dos hipertextos a que conduzem. Todos esses elementos formam um todo coerente no cumprimento das funções que caracterizam a página do sítio; eles constituem as opções de *design*, no sentido postulado por Kress e Van Leeuwen (2001).

A barra de navegação apresenta-se em duas posições simultâneas, oferecendo ao leitor a possibilidade de acessar os conteúdos tanto por meio de uma barra horizontal situada no alto da página como por meio de uma barra vertical situada à esquerda, perto do centro da

página, o que indica intencionalidade de proporcionar ao usuário muitas possibilidades de acesso aos conteúdos do sítio. Os conteúdos, entretanto, são diferentes em cada uma das barras, o que pode confundir o leitor: qual elemento escolher se alguns parecem remeter ao mesmo conteúdo, como por exemplo, “concertos e ingressos” e “bilheteria”? Ambos os botões parecem conduzir à possibilidade de compra de ingressos online. O botão “bilheteria”, no entanto, apenas fornece informações sobre o sistema de funcionamento e horário da bilheteria, enquanto o botão “concertos e ingressos” oferece uma série de links, um deles, inclusive, correspondendo ao conteúdo de “bilheteria”. Cabe ao leitor decidir o percurso.

Relativamente ao tema da página, especificamente à manutenção temática e ao domínio de referência, observamos que o tema se mantém sobretudo na integração das diferentes linguagens que constroem o todo textual da página: o conteúdo verbal tem como tema a origem da Sala, informando que esta foi sede da Estação Sorocabana de Estrada de Ferro, indica o nome do arquiteto que a projetou e relata que a Secretaria de Cultura do Estado a assumiu como complexo cultural. Essas informações constituem um histórico do prédio e das condições em que ele foi incorporado à Secretaria de Cultura, especificamente à OSESP.

Os dados históricos contidos no texto verbal podem ser visualizados de alguma forma no estilo de construção no prédio, o que pode ser observado nas quatro fotos da fachada do edifício. As fotos constituem, assim, elementos referenciais que corroboram a manutenção temática da página: a sequência de fotos mostra, em primeiro lugar, no eixo vertical esquerdo, uma visão geral da sala de concertos, remetendo o leitor também ao logo da OSESP, relacionado tematicamente com a foto; as demais fotos representam todas diferentes ângulos de uma visão geral da fachada do prédio, o que constitui um elemento anafórico relativamente ao conteúdo verbal, reiterando as informações relativas ao arquiteto e à época de construção do prédio. O que temos são elementos correferenciais; se o verbal constitui elemento anafórico relativamente às fotos, ou, ao contrário, as fotos estabelecem relações anafóricas com conteúdo verbal, isso depende do percurso de leitura do usuário. O leitor constrói seu percurso de leitura de acordo com seus objetivos e interesses e esse percurso estabelece relações entre os elementos da página. Nesse sentido, ele se transforma também num produtor; de fato, conforme já destacaram Marquesi et al. (2010, p. 359), no “meio digital, o leitor torna-se potencialmente um interlocutor que interfere diretamente sobre o conteúdo apresentado pelo site”.

Ainda com respeito às fotos, considerando que apenas a foto da sala de concertos apresenta-se ao alcance da visão do usuário na abertura do sítio e que as demais exigem rolagem para serem visualizadas, e levando em conta o princípio de intencionalidade, podemos afirmar que existe um movimento no sentido de marcar o local como “casa de eventos voltada para concertos predominantemente”, constituindo esse o fio condutor das funções do sítio e da construção do objeto de discurso Sala São Paulo. Considerando essas peculiaridades do sítio, podemos afirmar que a integração entre os elementos verbais e fotográficos do texto constroem, juntamente com as demais opções de design gráfico, já destacadas, um discurso coerente com a imagem de frequentadores de salas de espetáculos de música erudita: sobriedade nas cores, no emprego de recursos visuais, na linguagem; são todas características próprias à erudição. O fundo cinza da página e a mesma cor para o “papel de parede” reforçam essa representação. Assim, a simultaneidade de diferentes modalidades de linguagem e a integração entre elas articulam o discurso do sítio no cumprimento de uma função textual coerente com as intenções da Sala São Paulo, visando a atender os objetivos de leitura dos visitantes do sítio.

### **Considerações finais**

O exercício de análise tendo como o percurso de leitura percorrido por um usuário, nos permite afirmar que, como diante de qualquer texto, o usuário, frente a uma página da Web precisa ativar seus conhecimentos prévios, inclusive aqueles relativos ao seu letramento digital que lhe permitem navegar com destreza em um sítio Web; perceber os elementos constitutivos da página que visita; analisar os diferentes conteúdos na suas diversas modalidades de apresentação; selecionar as informações de acordo com seus interesses e objetivos, inclusive por meio de links internos e externos. São muitas tarefas realizadas simultaneamente, das quais depende a construção de sentidos coerentes ou o abandono do sítio.

Partindo dessa constatação, considerando as reflexões apresentadas no desenvolvimento deste texto e retomando nossas questões iniciais, cremos poder afirmar que os princípios de textualidade, ou as características prototípicas do texto, juntamente com a integração e a simultaneidade de diferentes modos expressão, constituem conceitos que podem nos permitir dar conta da análise de textos multimodais e buscar pistas para a leitura

desse tipo de textos. Evidentemente, alguns elementos se mostram mais pertinentes do que outros. Assim, destacamos a intencionalidade e a coerência. A primeira porque está diretamente ligada aos objetivos tanto do produtor do sítio quanto do usuário que o visita, o que remete à função textual; a segunda, porque a representação mental construída pelo usuário precisa ser coerente com esses objetivos de ambos, sob pena de abandono do sítio pelo usuário sem possibilidade de retorno. Nesse contexto, o discurso construído e veiculado pelo produtor do sítio também ocupa um lugar importante, especialmente se considerarmos que os discursos estabelecem quais são os tipos de leitores coerentes com eles.

Além dos princípios de textualidade, aplicados à totalidade do texto, e não apenas ao modo verbal da textualidade, acreditamos ser importante incluir o elemento prototípico apontado no parágrafo anterior, ou seja, a multimodalidade de meios de expressão em interação marcada pela simultaneidade.

Finalmente, tendo em vista a característica hipertextual dos sítios Web, devemos pensar no plano de texto como elemento responsável pela integração, pois ele pode promover a coesão entre os vários componentes, orientar a leitura e auxiliar o leitor a estabelecer as relações de pertinência entre os diversos modos de linguagem que compõem o texto, para a construção de uma representação coerente do sítio visitado.

Citando Beaugrande, Sandig (2009) lembra que a textualidade deve ser definida de forma ampla, a ponto de abarcar todos os tipos de textos. Na mesma direção acreditamos que também a multimodalidade deva ser compreendida com um fenômeno amplo, e que os instrumentos para a sua análise sejam abrangentes, de tal forma que contemplem todos os tipos de manifestações multimodais, encarando os fenômenos não em sua manifestação individual, mas na sua função na composição do conjunto, na sua interação com os demais fenômenos presentes na textualidade. Desse ponto de vista, cremos que o desenvolvimento deste trabalho permite-nos defender que simultaneidade e integração devem estar na base das análises e da construção dos sentidos dos textos multimodais.

## Referências

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood: Alex, 1997.

CHARTIER, R. **A Ordem dos Livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XV e XVIII**. Brasília: UnB, 1998.

COIRIER, P; GAONAC'H, D.; PASSERAULT, J-M. **Psycholinguistique textuelle – une approche cognitive de la compréhension et de la production des texts**. Paris: Armand Colin, 1996.

DENHIÈRE, G.; BAUDET, S. **Lecture, compréhension et science cognitive**. Paris: PUF, 1992.

GAONAC'H, D.; FAYOL, M. (Coord.) **Aider les élèves à comprendre du texte au multimédia**. Paris: Hachette, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'implicite**. Paris: Armand Colin, 1986.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse the modes and media of contemporary communication**. London: Hodder Education, 2001.

LE NY, J-F. **Comment l'esprit produit du sens**. Paris: Odile Jacob, 2005.

MARQUESI, S. C.; CABRAL, A. L. T; ELIAS, V. M. S.; VILLELA, A. M. N. Ensino em meios digitais: uma questão de leitura e escrita. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo : Cortez, 2010, p.354 -388.

MARTY, N. **Informatique et nouvelles pratiques d'écriture**. Cahors: Nathan, 2005.

NIELSEN, J. **Projetando Websites – Designing web usability**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SANDIG, B. O texto como conceito prototípico. In: WEISSER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Orgs.) **Linguística Textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009, p.47-72.

STORRER, A. A coerência nos hipertextos. In: WEISSER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Orgs.) **Linguística Textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009, p.98-117.

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto**. Barcelona/Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1983.